

# A batalha do passinho, o filme:

Reflexões sobre a construção de identidades através da mídia

POR **EVELIZE CRISTINA MOREIRA \***

TEXTO SELECIONADO NO EDITAL FILME CULTURA EDIÇÃO 64

**NASCIDO NAS FAVELAS** do Rio de Janeiro, em 2001, com explosão em 2008, o passinho é uma forma de dança do funk, uma das maiores expressões culturais cariocas. O documentário *A batalha do passinho, o filme*, de Emílio Domingos, retrata a rotina de jovens inseridos nesse movimento, buscando trazer à tona seus estilos de vida que se entrelaçam dentro e fora da dança. Por meio de histórias de vida de jovens de periferia, em sua maioria negros, Domingos apresenta seu documentário de cinema-verdade, que dá voz aos personagens e ao mundo em que estão inseridos.

## **ROMPIMENTO COM A INVISIBILIDADE**

“Analisar um filme é também situá-lo num contexto, numa história” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 23).

Principalmente após os anos 1990, o cinema tornou-se um instrumento de representação gerador de produções simbólicas que exprimem pontos de vista sobre o mundo real (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 23). Para Jacques Aumont (1995), qualquer objeto de representação é um discurso que recria valores sociais, sendo o cinema uma linguagem que traduz elementos presentes na sociedade.

É possível afirmar, então, que o cinema torna visíveis segmentos da sociedade que são invisibilizados?

Para Esther Hamburger (2005), foi o rompimento com a invisibilidade dos segmentos populares, habitantes de favelas e bairros periféricos de grandes cidades, na mídia que fizeram com que o florescimento do documentário no Brasil fosse possível. Para a autora, a invisibilidade é a grande expressão da discriminação.

# o cinema como veículo de representação das identidades de jovens negros de periferia

STILL: JOÃO XAVI



## IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

Ninguém constrói sua identidade sozinho, mas cada sujeito é parte de um todo que dá sentido às suas subjetividades. O conceito de identidade aqui trabalhado consiste, portanto, em representações que fazemos do outro e de nós mesmos e a relação com o todo em que os sujeitos estão inseridos. Para Castells (1999), do ponto de vista sociológico toda identidade é construída, a questão está em como se dá essa construção e quem está envolvido nela.

A partir disso, podemos refletir: como tem sido representado o negro da periferia no audiovisual brasileiro? Quais identidades do sujeito negro têm sido construídas pelos meios de comunicação?

Para Zanetti (2010), a representação do negro da periferia tem sido marcada “pelas imagens de pobreza e criminalidade”, nas quais é apresentada uma visão distanciada e negativa a partir de representações distorcidas em relação às favelas e às periferias. Joel Zito Araújo (2008) afirma que nenhum dos grandes atores negros deixou de ser escalado para um papel de serviçal ou de escravizado, até mesmo nomes mais consolidados como Ruth de Souza, Grande Otelo, Milton Gonçalves e Lázaro Ramos. Segundo o autor, nos anos 1960, negros atuavam apenas em papéis de subalternidade, nos anos 1970, havia a retratação da busca do negro pela ascensão social, nos anos 1980, houve uma pequena ascensão do negro na dramaturgia e, por fim, nos anos 1990, o racismo foi colocado como assunto a ser tratado, mas como prática apenas do vilão. Anatol Rosenfeld (1993) defende que no Brasil não foi desenvolvida uma ideologia que justifique a discriminação, mas sim a miscigenação, a fim de tornar o Brasil cada vez mais embranquecido e dentro de padrões europeus.

Dessa forma, é possível pensar na construção midiática de identidade dos negros, que passa pelo crivo de uma sociedade que não admite um discurso abertamente racista, mas busca um padrão fenotípico de forma a marginalizar cada vez mais aqueles que destoam desse padrão.

## ENTRE A DANÇA E A IMAGEM

*A Batalha do passinho, o filme* narra a história de vida de meninos e meninas de comunidades da periferia do Rio de Janeiro, como Cohab, Maré e Rocinha. Com produção independente, o documentário foi realizado entre 2011 e 2012. Dois anos depois, chegou ao circuito comercial.

Em 2011, a Batalha do Passinho foi idealizada pelo músico Rafael Soares e o escritor Júlio Ludemir como uma forma de interação para os seus dançarinos. Aquele que criasse o melhor passinho seria eleito o Rei do Passinho, com participação no programa da Xuxa, em rede nacional.

O passinho não é apenas uma dança, é um estilo de vida. “Nós da comunidade encontramos um jeito de fazer uma cultura nossa”, afirma Baianinho, um dos dançarinos. Nesta sentença, é possível entender o pertencimento desses sujeitos aos ambientes em que estão inseridos, a relação com a comunidade e a noção de cultura própria. O passinho tornou-se um mecanismo de relacionamento e identificação nas favelas do Rio de Janeiro.

Dos bailes funk à apropriação de meninos e meninas do estilo em suas rotinas, uma rede de interações, *status* e reconhecimento foi criada. A internet, principalmente as redes sociais, tornou-se o principal veículo de divulgação entre os dançarinos. “Eu já tinha um nome, depois de um mês que postei o vídeo já tinha um monte de Cebolinha dançando” - Cebolinha. A fala evidencia uma ideia de identificação de grupo. Cristian, o mais novo dos dançarinos, inspira-se nos mais velhos. A linguagem também se torna importante elemento na cultura do passinho. Do inglês *share* (compartilhar) – no caso os vídeos do *YouTube* – é criada a expressão “sharingar”. O vídeo mais “sharingado” traz reconhecimento ao dançarino.

“Antes eu tinha o sonho de ser jogador de futebol, hoje eu quero ser dançarino”, disse João Pedro. Para Castells (1999), identidade de projeto é quando, a partir dos materiais culturais ao alcance, os sujeitos constroem

# Como tem sido representado o negro da periferia no audiovisual brasileiro? Quais identidades do sujeito negro têm sido construídas pelos meios de comunicação?

identidades e redefinem certas posições sociais, o que pode culminar na transformação de toda uma estrutura social. Leandra *Perfects*, uma das participantes do filme, afirma: “quem tem poder hoje na favela ou é dançarino ou traficante”.

Novaes (2003), em seu trabalho sobre juventudes cariocas, traz à discussão a questão de trajetórias de vida de meninos crescidos em favelas com históricos parecidos, mas que seguem caminhos diferentes. Para a autora, a reinvenção do cotidiano desses meninos a partir do contato com diferentes visões de mundo cria novas possibilidades e trajetórias.

Outro elemento apresentado no documentário é a identidade corporal. Para Le Breton (2006), o corpo se apresenta como eixo relacional com o mundo e a existência toma forma. As técnicas corporais variam a partir do contexto em que indivíduos estão inseridos, da sua idade, gênero e classe social.

No documentário, é possível enxergar o passinho como “técnica do corpo” utilizada por indivíduos para alcançar reconhecimento. O passinho mais elaborado e estilizado torna-se o campeão e será copiado pelos demais. O melhor passista é aquele que domina a técnica corporal daquele estilo, dança que exige treino e improviso.

Sobre esta questão, Le Breton (2006) afirma que “uma técnica corporal atinge seu melhor nível quando se torna uma somatória de reflexos e se impõe imediatamente ao ator sem esforço de adaptação ou de preparação de sua parte”. Os gestos executados, segundo o autor, não são destituídos de significado, por mais técnica que envolva. Manter o cabelo cortado, fazer as sobrancelhas e inclusive estilizá-las com falhas simétricas são técnicas de tratamento dos dançarinos do passinho. Como afirma Cebolinha, “a pessoa me olha de cima a baixo, eu vou estar com cabelo feio?”. As sociedades contemporâneas julgam pelo corpo e a aparência torna-se um emblema do indivíduo (LE BRETON, 2007).

Se o documentário de Domingos é instrumento para a visibilidade que quebra estereótipos provenientes da cultura do medo, serve também como mecanismo de denúncia. A morte do dançarino Gambá, que ocorreu no meio das gravações, é exemplo da triste realidade em que esses sujeitos estão inseridos. Júlio Ludemir expõe no filme o que ocorre com muitos jovens negros de periferia: “era o preto sem camisa na saída do baile que o cara não abre a porra da porta do ônibus”, “se não tivesse tratado ele como preto, funkeiro, ele ainda estaria aqui”. Gambá foi assassinado por desconhecidos ao sair de um baile *funk* no réveillon, e enterrado como indigente.

Os jovens negros e as jovens negras, como colocado no filme, querem não apenas ser reconhecidos e reconhecidas, mas principalmente apresentar novas visões de mundo.

No documentário *A Batalha do passinho, o filme*, cinema é usado como forma de linguagem que traduz cenários e estilos de vida, trazendo à tona especificidades e particularidades do sujeito que não podem ser simplificadas ou encaixadas dentro de moldes já estabelecidos pela sociedade. As identidades são construídas e reconstruídas ao longo do documentário, no momento em que estes e estas jovens são representados e passam pelo olhar do outro, e pelo próprio olhar, no contato com a imagem filmada.

Os padrões em que esses sujeitos e suas comunidades são colocados tornam-se distantes frente ao que é apresentado no documentário. Ali já não há o menino que sonha em ser traficante ou que nasceu para roubar<sup>1</sup>. Também não há o uso do corpo de forma extremamente sexualizada, corpo este que a mídia insiste em representar nesses padrões. São jovens que afirmam que suas identidades são diversas e vão muito além do que já está pronto na sociedade. Cabe a todos nós desconstruir pensamentos e paradigmas fechados. ■

STILL: JOÃO XAVI





## REFERÊNCIAS E NOTAS

---

---

### \*EVELIZE CRISTINA MOREIRA

É GRADUADA EM CIÊNCIAS HUMANAS PELA UFJF, ESPECIALISTA EM LITERATURA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA PELA UFJF, BACHARELA EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UFJF E MESTRE EM ANTROPOLOGIA SOCIAL PELA UFRGS. ATUALMENTE, É DOUTORANDA EM CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFJF. SUAS ÁREAS DE INTERESSE SÃO: CULTURA MATERIAL, IDENTIDADES, CULTURA POPULAR E CAPITALISMO E ESTUDOS EM CONTEXTOS PÓS-COLONIAIS.

ARAÚJO, JOEL ZITO. *O NEGRO NA DRAMATURGIA, UM CASO EXEMPLAR DA DECADÊNCIA DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL BRASILEIRA*. REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS, FLORIANÓPOLIS, V. 16, N. 3, P. 979-985, SET/DEZ. 2008. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.SCIELO.BR/PDF/REF/V16N3/16.PDF](http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdf)>.

AUMONT, JACQUES. *A ESTÉTICA DO FILME*. CAMPINAS: PAPIRUS, 1995.

CASTELLS, MANUEL. *O PODER DA IDENTIDADE*. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 1999.

HAMBURGUER, ESTHER. *POLÍTICAS DA REPRESENTAÇÃO: FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO EM ÔNIBUS 174*. IN: LABAKI, AMIR; MOURÃO, MARIA DORA GENIS (ORGS.). *O CINEMA DO REAL*. SÃO PAULO: COSAC NAIFY, 2005.

LE BRETON, DAVID. *A SOCIOLOGIA DO CORPO*. PETRÓPOLIS: EDITORA VOZES, 2006.

\_\_\_\_\_. *ADEUS AO CORPO*. CAMPINAS: PAPIRUS, 2007.

NOVAES, REGINA REYES. *JUVENTUDES CARIOCAS: MÊDIAS, CONFLITOS E*

*ENCONTROS CULTURAIS*. IN: VIANNA, HERMANO. *GALERAS CARIOCAS: TERRITÓRIOS DE CONFLITOS E DE ENCONTROS CULTURAIS*. RIO DE JANEIRO, EDITORA UFRJ, 2003.

ROSENFELD, ANATOL. *NEGRO, MACUMBA E FUTEBOL*. CAMPINAS: EDITORA DA UNICAMP, 1993.

VANOYE, FRANCIS; GOLLOT-LÉTÉ, ANNE. *ENSAIO SOBRE A ANÁLISE FÍLMICA*. CAMPINAS: PAPIRUS, 1994.

ZANETTI, DANIELA. *O CINEMA DA PERIFERIA: NARRATIVAS DO COTIDIANO, VISIBILIDADE E RECONHECIMENTO SOCIAL*. SALVADOR, 2010. DISSERTAÇÃO (DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEAS) – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

---

1 ESTIGMAS PRÓPRIOS DA CULTURA DO MEDO.